



Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)

Ciências da Saúde: Da Teoria à Prática 4

Atena
Editora
Ano 2019

Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)

Ciências da Saúde: Da Teoria à Prática 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	Ciências da saúde [recurso eletrônico] : da teoria à prática 4 / Organizador Benedito Rodrigues da Silva Neto. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ciências da Saúde. Da Teoria à Prática; v. 4) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-396-5 DOI 10.22533/at.ed.965191306 1. Saúde – Aspectos sociais. 2. Saúde – Políticas públicas. 3. Saúde – Pesquisa – Brasil. I. Silva Neto, Benedito Rodrigues da. II.Série. CDD 362.10981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Anunciamos com grande alegria o quarto volume da coleção “Ciências da Saúde: da teoria à prática”. A obra composta de onze volumes abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos, revisões e inferências sobre esse amplo e vasto contexto do conhecimento relativo à saúde. Além disso, todo o conteúdo reúne atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas em diversas regiões do país, que analisam a saúde em diversos dos seus aspectos, percorrendo o caminho que parte do conhecimento bibliográfico e alcança o conhecimento empírico e prático.

De forma específica, neste volume abordamos e elencamos trabalhos desenvolvidos com no campo da epidemiologia, uma ferramenta essencial para consolidar conhecimentos específicos na área da saúde que sustentam ações de saúde e orientam grande parte da estrutura do sistema único de saúde. Análises de categorização e descrição de estudos nessa linha fazem parte de um campo essencial que influencia diretamente as tomadas de ações estaduais e municipais ligadas à saúde populacional.

Assim temos em mãos um material extremamente importante dentro dos aspectos políticos de saúde pública e que nesse caso vão muito além da teoria, mas que de fato se fundamentam nela. Encontraremos neste volume temas como neoplasia pancreática, síndrome congênita e Zika, animais peçonhentos, doenças crônicas, dislipidemias, leishmanioses, intoxicação exógena, sífilis em gestantes, tuberculose, AIDS, PSA, mobilização social, todos caracterizados por palavras-chave tais como incidência, prevalência, levantamento e perfil.

Portanto o quarto volume apresenta conteúdo importante não apenas pela teoria bem fundamentada aliada à resultados promissores, mas também pela capacidade de professores, acadêmicos, pesquisadores, cientistas e principalmente da Atena Editora em produzir conhecimento em saúde nas condições ainda inconstantes do contexto brasileiro. Nosso profundo desejo é que este contexto possa ser transformado a cada dia, e o trabalho aqui presente pode ser um agente transformador por gerar conhecimento em uma área fundamental do desenvolvimento como a saúde.

Benedito Rodrigues da Silva Neto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA DE 2006 A 2016 NO ESTADO DO PIAUÍ	
Indira Maria De Almeida Barros	
Alécio De Oliveira Ribeiro	
Aritana Batista Marques	
Mariana Bezerra Doudement	
Candida Vanessa Silva Bacelar De Carvalho	
Juciê Roniery Costa Vasconcelos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9651913061	
CAPÍTULO 2	8
AVALIAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DE IDOSOS DA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA (ESF) E SUA ASSOCIAÇÃO COM O SEXO DOS PARTICIPANTES	
Rackel Carvalho Costa	
Ivone Freires de Oliveira Costa Nunes	
Nayla Caroline Melo Santana	
Bárbara Verônica Cardoso de Souza	
Ana Cláudia Carvalho Moura	
Bruna Grazielle Mendes Rodrigues	
Natália de Jesus Melo	
Isabele Frazão Mascarenhas	
Andréia Carnib Benvindo Lima	
Andressa Nathanna Castro	
Ivonete Moura Campelo	
Cecilia Maria Resende Gonçalves de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9651913062	
CAPÍTULO 3	20
CONSTRUÇÃO DO DIAGNÓSTICO EM SAÚDE, UTILIZANDO BANCO DE DADOS PÚBLICOS - ATIVIDADE DO PET-SAÚDE/GRADUASUS	
Kele Emidio Firmiano	
Tamine Vitória Pereira Moraes	
Kamylla Caroline Santos	
Ana Lúcia Rezende Souza	
Thaís Rocha Assis	
Daisy de Araújo Vilela	
Amauri Oliveira Silva	
Fernanda Rodrigues Menezes	
Jaqueline Barros Borges	
Ariella Rodrigues Cordeiro Rozales	
DOI 10.22533/at.ed.9651913063	
CAPÍTULO 4	26
DADOS QUALITATIVOS E QUANTITATIVOS – CONVERGÊNCIA E COMPLEMENTARIEDADE EM ESTUDOS DA QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS COM HIV NO BRASIL	
Denize Cristina de Oliveira	
Hellen Pollyanna Mantelo Cecilio	
Sergio Corrêa Marques	
Juliana Pereira Domingues	
DOI 10.22533/at.ed.9651913064	

CAPÍTULO 5	35
DOENÇAS PREVALENTES EM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS: UM ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES DE SAÚDE/DOENÇA	
Diana Luise Alves de Siqueira	
Taline Gruber	
Salete Regina Daronco Benetti	
DOI 10.22533/at.ed.9651913065	
CAPÍTULO 6	46
ESTILO DE VIDA DE IDOSOS SEGUNDO AS POLÍTICAS PÚBLICAS	
Amanda Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque	
Ester Marcele Ferreira de Melo	
Isabella Joyce Silva de Almeida	
Kydja Milene Souza Torres	
José Flávio de Lima Castro	
Ricardo Nascimento Bezerra	
Ester Cecília Laurindo da Silva	
Gustavo Aires de Arruda	
Aurélio Molina da Costa	
Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.9651913066	
CAPÍTULO 7	56
ESTUDO RETROSPECTIVO SOBRE O PERFIL DA SÍFILIS EM GESTANTES/CONGÊNITA NUMA MATERNIDADE NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ - RN	
Beatriz Távina Viana Cabral	
Janmilli da Costa Dantas	
José Adailton da Silva	
Dannielly Azevedo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9651913067	
CAPÍTULO 8	67
EVIDENCIAS DE UM NOVO SURTO EPIDEMIOLÓGICO DE SÍFILIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Jéssica dos Santos Goulart	
Aline Dutra Lemos	
Carina Sperotto Librelotto	
DOI 10.22533/at.ed.9651913068	
CAPÍTULO 9	73
INCIDÊNCIA DE INTERNAÇÕES DE IDOSOS POR FRATURA DE FÊMUR NO ESTADO DE GOIÁS	
Ana Flávia Magalhães Carlos	
Gustavo Carrijo Barbosa	
Franciane Assis Moraes	
Kássia Ferreira Santana	
Érika Gomes Carvalho	
Leandra Aparecida Leal	
Milena Rezende Berigo	
Aline Oliveira Rocha de Lima	
Winsthon Faria Pacheco	
Ana Lúcia Rezende Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9651913069	

CAPÍTULO 10 78

LEPTOSPIROSE HUMANA: COMPORTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO NO ESTADO DE MINAS GERAIS ENTRE 2007 A 2017

Iara Fabíola Batista Rocha
Veronica Sabrina Ferreira Figueiredo
Silene Maria Prates Barreto

DOI 10.22533/at.ed.96519130610

CAPÍTULO 11 82

MOBILIZAÇÃO SOCIAL: ESTRATÉGIA INOVADORA NO COMBATE À DENGUE

Iara Arruda dos Santos
Yan Oliveira Pereira
Luana Ribeiro Silveira
Ana Paula Pessotti Clarindo
Filipe Marçal Pires
Rômulo Batista Gusmão
Katuscia Cátia Rodrigues
Alexandra Araújo Paiva Vieira
Thiago Vinicius Ávila

DOI 10.22533/at.ed.96519130611

CAPÍTULO 12 91

A IMPORTÂNCIA DOS EXAMES DE PSA E A BIÓPSIA NO DIAGNÓSTICO DO CÂNCER DE PRÓSTATA

Ana Paula Martins Lima
Iara Marinho Martins
Jessica Matias Gomes Brasil
Sayla Caruline Gomes Ferreira
Mônica Oliveira Santos
Benedito Rodrigues da Silva Neto

DOI 10.22533/at.ed.96519130612

CAPÍTULO 13 102

MORTALIDADE POR AGRESSÃO EM MENORES DE 20 ANOS: UM ESTUDO ECOLÓGICO DE SÉRIE TEMPORAL DOS ÚLTIMOS 11 ANOS DE DADOS DO DATASUS

Erick Gabriel Arantes Quaresma
Laura Cunha Ferreira
Louise Kamada Bigolado
Linjie Zhang

DOI 10.22533/at.ed.96519130613

CAPÍTULO 14 112

MORTALIDADE POR AGRESSÕES CONTRA MULHERES NO PIAUÍ

Cyntia Meneses de Sá Sousa
Patrícia Viana Carvalhedeo Lima
Roniele Araújo de Sousa
Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas
Malvina Thaís Pacheco Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.96519130614

CAPÍTULO 15 122

O PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA AIDS EM IDOSOS NO BRASIL DE 2010-2014, PELO SISTEMA DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE DO DATASUS

Daisy de Araújo Vilela
Isadora Prado de Araújo Vilela
Marina Prado de Araújo Vilela
Juliana Alves Ferreira
Mariana Rezende Souza
Marianne Lucena da Silva
Ana Lúcia Rezende Souza
Kátia da Silveira Ferreira
Ariella Rodrigues Cordeiro Rozales
Georgia Nascimento Silva
Julia Ester Goulart Silvério de Carvalho
Pedro Vitor Goulart Martins
Renata Machado de Assis

DOI 10.22533/at.ed.96519130615

CAPÍTULO 16 131

OCORRÊNCIA DE TUBERCULOSE NO MUNICÍPIO DE CHAPADINHA, MARANHÃO (TRIÊNIO 2015-2017)

Lucas Gabriel Pereira Viana
Charlyan de Sousa Lima
Melkyjanny Brasil Mendes Silva
Franciane Silva Lima
Jéssica Maria Linhares Chagas
Bruna dos Santos Carvalho Vieira
Francilene Cardoso Almeida
Dávila Joyce Cunha Silva
Rosalina da Silva Nascimento
José Ribamar Gomes Aguiar Júnior
Valquiria Gomes Carneiro

DOI 10.22533/at.ed.96519130616

CAPÍTULO 17 138

PERFIL DE PUÉRPERAS ATENDIDAS EM UMA MATERNIDADE NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA

Suellen Vienscoski Skupien
Ianka do Amaral
Ana Paula Xavier Ravelli
Laryssa De Col Dalazoana Baier
Pollyanna Kassia de Oliveira Borges

DOI 10.22533/at.ed.96519130617

CAPÍTULO 18 147

PERFIL DOS USUÁRIOS DO PROGRAMA FARMÁCIA POPULAR DO BRASIL EM PERNAMBUCO

Rosali Maria Ferreira da Silva
Alana Guimarães Bonfim
Alice Oliveira de Arruda
Jefferson de Lima
Marina Melo Lessa
Tayronni Meneses de Castro
Williana Tôrres Vilela
Mirella Yasmim Correia da Silva
Thaís Pachêco Freitas
Thayline Ribeiro Ventura

Pollyne Amorim Silva
Pedro José Rolim Neto
DOI 10.22533/at.ed.96519130618

CAPÍTULO 19 160

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES NUMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA PEDIÁTRICA DE UM HOSPITAL DO SEMIÁRIDO CEARENSE

Maria Danara Alves Otaviano
Edinar Reinaldo Dias
Luciana Maria Montenegro Santiago
Antonia Rodrigues Santana

DOI 10.22533/at.ed.96519130619

CAPÍTULO 20 167

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA LEISHMANIOSE VISCERAL NO MARANHÃO

Francisco Junyor Santiago Lima
Andressa Arraes Silva
Luciane Sousa Pessoa Cardoso
Mara Julyete Arraes Jardim
Antonio Augusto Lima Teixeira Júnior
Jaqueline Diniz Pinho
Mariana Pinto de Araújo
Eleilde Almeida Araújo
Wesliany Everton Duarte
Marta Regina de Castro Belfort

DOI 10.22533/at.ed.96519130620

CAPÍTULO 21 174

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA SÍFILIS EM GESTANTE NO MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS-MA, 2008-2017

Alessandra Coelho Vivekananda Meirelles
Lívia Cristina Sousa
Flávio Evangelista e Silva
Adriana Moraes Gomes
Jadilson Silva Neto
Diana Maria Silveira da Silva
Heloisa Maria Lima Gonçalves
Ana Carolina dos Santos Sousa
Francisca Bruna Arruda Aragão
Joelmara Furtado dos Santos Pereira

DOI 10.22533/at.ed.96519130621

CAPÍTULO 22 185

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE CRIANÇAS ATENDIDAS EM UM HOSPITAL ESCOLA DE SÃO LUÍS-MA PARA TRATAMENTO DE HIDROCEFALIA

Mara Ellen Silva Lima
Abelina de Jesus Pãozinho Ericeira
Kézia Cristina Batista dos Santos
Francisca Jade Lima de Andrade Silva
Camila Evangelista Carnib Nascimento
Andréa Karla Pãozinho Ericeira
Átilla Mary Almeida Elias
Fernanda de Castro Lopes

DOI 10.22533/at.ed.96519130622

CAPÍTULO 23 197

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA SÍFILIS CONGÊNITA NO MUNICÍPIO DE SOBRAL- CE, NOS ANOS DE 2014-2017

Alana Cavalcante dos Santos
Renan Rhonalty Rocha
Rita de Kássia Parente Fernandes
Carla Tamires Farias de Abreu
Ana Laís Martins de Alcântara
Vanessa Hellen Vieira Cunha
Ana Paula Vieira Cunha
Fernanda Maria Parente Paulino
Danielly da Silva Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.96519130623

CAPÍTULO 24 208

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE INTOXICAÇÃO EXÓGENA NO PIAUÍ ENTRE 2007 E 2017

Aritana Batista Marques
Francisco Rodrigues Da Cruz Junior
Mariana Bezerra Doudement
Indira Maria De Almeida Barros
Juciê Roniery Costa Vasconcelos Silva

DOI 10.22533/at.ed.96519130624

CAPÍTULO 25 215

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS LEISHMANIOSES VISCERAL E TEGUMENTAL HUMANA NO MUNICÍPIO DE CALDAS NOVAS – GOIÁS DURANTE O PERÍODO DE 2007 A 2014

Gislene Cotian Alcântara
Tatiana Rodrigues Rocha
Marco Aurélio Gomes Mendonça

DOI 10.22533/at.ed.96519130625

CAPÍTULO 26 229

PREVALÊNCIA DE DISLIPIDEMIAS EM ADOLESCENTES EM UMA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO

Amanda Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque
Ester Marcele Ferreira de Melo
Natália de Oliveira Freitas
Natalia Simone Bezerra da Silva
Patrícia Maria de Brito França
Maria Cândida Gomes de Araújo
Gustavo Aires de Arruda
Aurélio Molina da Costa
Augusto César Barreto Neto
Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.96519130626

CAPÍTULO 27	241
PREVALÊNCIA DE DOENÇAS CRÔNICAS AUTORREFERIDAS EM PARTICIPANTES DE UMA CAMPANHA EM PONTA GROSSA-PR	
Leonardo Ferreira Da Natividade	
Eduarda Mirela Da Silva Montiel	
Matheo Augusto Morandi Stumpf	
Jefferson Matsuiti Okamoto	
Marcos Ricardo Da Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.96519130627	
CAPÍTULO 28	247
SÍNDROME CONGÊNITA E ZIKA: PREVALÊNCIA E CARACTERIZAÇÃO DOS CASOS REGISTRADOS NO ESTADO DO MARANHÃO NO PERÍODO DE 2015 À 2017	
Roseliny de Moraes Martins Batista	
Mércia Helena Salgado Leite de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.96519130628	
CAPÍTULO 29	262
VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA DE ATAQUES DE ANIMAIS PEÇONHENTOS NOTIFICADOS NO BRASIL	
Victor Antonio Kuiava	
Luís Henrique Nalin Vizioli	
Laura Vilela Pazzini	
Vitor Barreto Santana	
DOI 10.22533/at.ed.96519130629	
CAPÍTULO 30	272
VIGILÂNCIA EPIDEMIOLOGICA DA NEOPLASIA PANCREATICA EM SANTA CATARINA	
Victor Antônio Kuiava	
Eduardo Ottobelli Chielle	
DOI 10.22533/at.ed.96519130630	
SOBRE O ORGANIZADOR	278

MORTALIDADE POR AGRESSÕES CONTRA MULHERES NO PIAUÍ

Cyntia Meneses de Sá Sousa

Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina-PI

Patrícia Viana Carvalhedo Lima

Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina-PI

Roniele Araújo de Sousa

Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina-PI

Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas

Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina-PI

Malvina Thaís Pacheco Rodrigues

Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina-PI

RESUMO: A violência contra a mulher é um problema prioritário de saúde pública com abrangência mundial, assumindo grandes dimensões no Brasil. Objetivou-se caracterizar a mortalidade por agressões contra mulheres no Piauí, de 1996 a 2016. Estudo descritivo com dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponíveis no site do Departamento de Informática

do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Selecionaram-se os óbitos totais por agressão segundo os códigos X85-Y09 da 10ª revisão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), ocorridos de 1996 a 2016, entre mulheres residentes no Piauí. Calcularam-se as frequências relativas e taxas de mortalidade segundo faixa etária, cor/raça, escolaridade, estado civil e local de ocorrência. Ocorreram 709 óbitos femininos por agressão no período analisado. A maior frequência foi encontrada na faixa etária de 20 a 39 anos (51,9%), negras (74,8%), com 1 a 11 anos de estudo (65,6%) e solteiras (47,5%). O local de maior ocorrência dos óbitos foi o domicílio (40,2%). A maioria das mortes envolveu instrumentos cortantes ou contundentes (47%) e armas de fogo (35,7%). Constatou-se aumento na taxa de mortalidade, passando de 1/100 mil mulheres (1996) para 3/100 mil mulheres (2016). O estudo serve de alerta para que as autoridades competentes venham a observar e discutir o assunto e buscar estratégias para o enfrentamento desse problema no estado do Piauí.-

PALAVRAS-CHAVE: Violência contra a mulher, Mortalidade, Violência de gênero, Epidemiologia.

MORTALITY FOR AGGRESSIONS AGAINST WOMEN IN PIAUÍ STATE

ABSTRACT: Violence against women is a global public health priority, taking on major dimensions in Brazil. The objective of this study was to characterize mortality from aggression against women in Piauí from 1996 to 2016. Descriptive study with data from the Mortality Information System (SIM) and the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), available on the website of the Department of Informatics of the Unified Health System (DATASUS). The total deaths by aggression according to codes X85-Y09 of the 10th revision of the International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems (ICD-10) were selected, from 1996 to 2016, among women residing in Piauí. Relative frequencies and death rates were calculated according to age, color / race, schooling, marital status and place of occurrence. There were 709 female deaths due to aggression in the analyzed period. The highest frequency was found in the age group of 20 to 39 years (51.9%), black (74.8%), with 1 to 11 years of schooling (65.6%) and unmarried (47.5%). The place of greatest occurrence of deaths was the household (40.2%). Most of the deaths involved sharp or blunt instruments (47%) and firearms (35.7%). There was an increase in the mortality rate, from 1/100 thousand women (1996) to 3/100 thousand women (2016). The study serves as an alert for the competent authorities to observe and discuss the matter and to seek strategies to address this problem in the state of Piauí.

KEYWORDS: Violence against women, Mortality, Gender violence, Epidemiology.

1 | INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um problema social e de saúde pública de distribuição mundial, atingindo diferentes classes sociais, como consequência histórica da dominação do sexo masculino sobre o feminino. Esse tipo de violência pode se manifestar de várias formas (psicológica, física, moral, patrimonial, simbólica, assédio sexual e outros) de maneira separada ou por meio de sua interposição em um mesmo episódio e é caracterizada como uma das manifestações mais brutais e perversas relacionadas à desigualdade de gêneros (COSTA; SERAFIM; NASCIMENTO, 2015; SOUSA; SIRELLI, 2018; AMARAL; AMARAL; AMARAL, 2013).

A mulher vítima de violência poderá sofrer consequências físicas, mentais e morais, acarretando impacto no processo saúde-doença e na expectativa de vida dessas vítimas (BARUFALDI et al., 2017).

Apesar de ser um problema antigo no Brasil, a violência doméstica contra a mulher ganhou maior destaque nas últimas décadas, com a criação de novas leis e estratégias sociais para a prevenção e o enfrentamento desse tipo de violência. O movimento feminista foi um dos responsáveis pela discussão da temática e pelo aumento no número de denúncias de atos violentos contra a mulher, pois passaram a cobrar dos gestores e da sociedade o direito a uma vida digna e sem violência (GUIMARÃES; PEDROZA, 2015; AMARAL; AMARAL; AMARAL, 2013).

Em 2015 foi criada a lei 13.104, que classifica como feminicídio os assassinatos cometidos contra mulheres cuja principal motivação seja a condição de ser mulher. Foram qualificados como hediondos os crimes cometidos contra mulheres em situações de vulnerabilidade, tais como gestação e violência contra menores de idade. Porém, apesar do curto tempo de vigência da lei contra o feminicídio, ainda não se percebeu o impacto da legislação sobre o número de mortes de mulheres por causas violentas no Brasil, mantendo-se a matéria como um desafio para a segurança pública (BARUFALDI et al., 2017; GARCIA, 2016; MENEGHEL; HIRAKATA, 2011).

O Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), no Brasil, ainda não fornece dados específicos sobre feminicídio, mas é possível localizar os dados de óbitos femininos por agressões. Em 2016 aconteceram 4.645 homicídios de mulheres no país, resultando em uma taxa de mortalidade de 4,5 óbitos/100 mil mulheres, o que coloca o Brasil na quinta posição entre os países que mais praticam violência contra as mulheres (CERQUEIRA et al., 2018; BRASIL, 2019).

Apesar de presente, a totalidade dos casos de violência contra a mulher não é notificada, pois, dentre outros fatores, é um evento que ocorre em âmbito doméstico e geralmente perpetrado por parceiros e/ou conhecidos da própria vítima. Logo, é um evento subnotificado e que não alcança a visibilidade necessária e importante para que sejam criadas políticas adequadas para o enfrentamento do problema de forma eficaz (GARCIA, 2016).

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), 1 em cada 2 mulheres assassinadas em todo o mundo foram mortas por seus parceiros ou familiares em 2012; enquanto apenas 1 de 20 homens foram mortos em circunstâncias semelhantes (ONU, 2019). Nos últimos 30 anos, mais de 90 mil mulheres foram assassinadas no Brasil sendo que a taxa de homicídios femininos aumentou de 2,3/100 mil mulheres em 1980 para 4,6/100 mil mulheres em 2010 (LEITE et al., 2017).

Diante de evidências alarmantes sobre violência contra a mulher, bem como a relevância do tema para a Saúde Pública, considera-se importante conhecer o perfil epidemiológico da mortalidade feminina por agressão. Tais informações podem ser úteis ao fornecer subsídios para que o Estado e as autoridades competentes formulem estratégias de enfrentamento e políticas públicas de prevenção da violência contra a mulher. Desse modo, este capítulo teve como objetivo descrever a mortalidade feminina por agressões no Piauí, no período de 1996 a 2016.

2 | MÉTODOS

Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo da mortalidade por agressão em mulheres residentes do Piauí, ocorridos de 1996 a 2016.

Foram utilizados os dados das declarações de óbito registradas no Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), disponibilizados pelo Departamento de

Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Selecionaram-se os óbitos cuja causa básica da morte correspondia aos códigos X85 a Y09 do capítulo XX da 10ª Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10). Em relação às informações populacionais, os dados foram coletados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), oriundas das projeções referentes aos anos estudados.

As variáveis explicativas selecionadas foram:

- faixa etária (0 a 9; 10 a 19; 20 a 39; 40 a 59; 60 e mais anos);
- cor de pele (branca, negra [preta+parda], e amarela);
- escolaridade (nenhuma, 1 a 11 anos, 12 e mais).
- estado civil (solteiro, casado, viúvo, solteiro judicialmente e outro);
- local de ocorrência (hospital, domicílio, via pública e outros);
- tipo de agressão (enforcamento, arma de fogo, instrumento cortante/ contundente e outros).

Os dados foram importados e organizados no software *Microsoft Excel Office 2010*, para cálculo dos indicadores e construção de gráficos e tabelas. As taxas de mortalidade foram calculadas dividindo-se o número de óbitos notificados (numerador) pelo número da população feminina residente no estado (denominador), por ano, multiplicando-se por 100.000.

Este estudo utilizou dados secundários anônimos e de domínio público não sendo necessária a sua apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, atendendo às diretrizes das Resoluções 466, de 12 de dezembro de 2012, e 510, de 7 de abril de 2017, ambas do Conselho Nacional de Saúde.

3 | RESULTADOS

No período de 1996 a 2016, foram registrados 709 óbitos por agressão contra mulheres no Piauí. A maioria ocorreu na faixa etária de 20 a 39 anos (51,9%), em negras (74,8%), que tinham de 1 a 11 anos de estudo (65,6%) e solteiras (47,5%). Quanto ao local de ocorrência dos óbitos, 40,2% ocorreram no domicílio, seguido da via pública (23,0%) (Tabela 1).

Variáveis	N	%
Faixa etária (em anos)		
0 a 9	22	3,1
10 a 19	104	14,7
20 a 39	368	51,9
40 a 59	160	22,6
60 e mais	50	7,1
Cor de pele		

Branca	114	16,1
Negra	530	74,8
Amarela	5	0,7
Escolaridade (em anos)		
Nenhuma	94	13,3
1 a 11	465	65,6
12 e mais	45	6,3
Estado civil		
Solteiro	337	47,5
Casado	189	26,7
Viúvo	34	4,8
Separado judicialmente	14	2,0
Outro	79	11,1
Local de ocorrência		
Hospital	140	19,7
Domicílio	285	40,2
Via pública	163	23,0
Outros	112	15,8

Tabela 1: Caracterização dos óbitos por agressões contra mulheres - Piauí, 1996 a 2016.

Fonte: Sistema de Informações Sobre Mortalidade (2018).

Quanto ao meio de agressão, a maior parcela dos homicídios foi decorrente da utilização de instrumentos cortantes ou contundentes (47,0%) seguidos de armas de fogo (35,7%) (Figura 1).

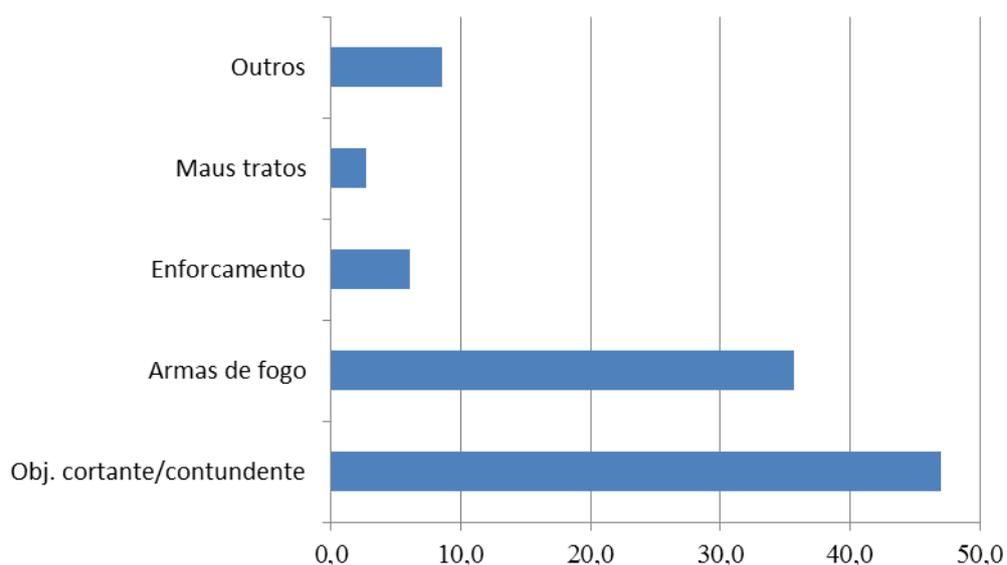


Figura 1: Percentual de óbitos por agressão contra mulheres, segundo meio de agressão - Piauí, 1996 a 2016.

Em relação ao período de ocorrência dos óbitos, 2015 foi o ano de maior registro, com 67 mortes. Com relação à taxa de mortalidade feminina, percebeu-se que o risco de morte por agressão entre mulheres triplicou no período estudado, passando de 1,0 óbito/100 mil mulheres em 1996 para 3,0 óbitos/100 mil mulheres em 2016 (Figura 2).

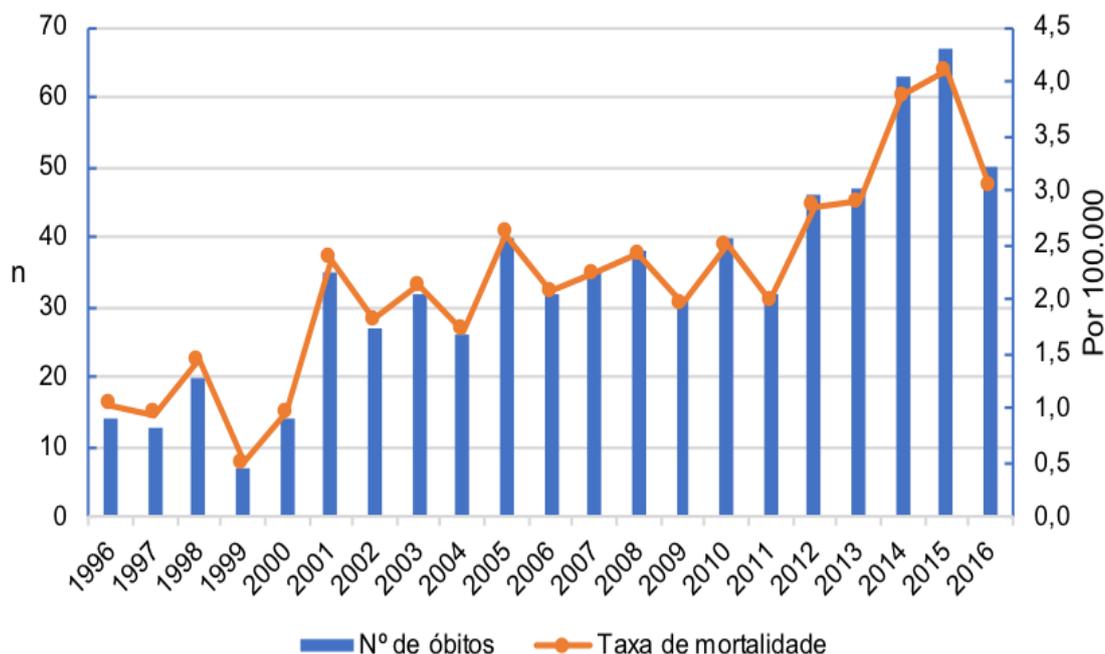


Figura 2: Número de óbitos e taxa de mortalidade (por 100 mil mulheres) - Piauí, 1996 a 2016.

4 | DISCUSSÃO

As informações apresentadas revelam um cenário preocupante em relação à mortalidade feminina por agressão no Piauí. Essas mortes, apesar de evitáveis, apresentaram tendência de aumento e com distribuição abrangendo mulheres de todas as faixas etárias, raça/cor e escolaridade, mesmo que em proporções diferentes (GARCIA, 2016; MENEGHEL; PORTELLA, 2017). Os dados mostram que a taxa de mortalidade por agressão em mulheres no último ano analisado no Piauí, demonstrou correspondência com a taxa nacional de mortalidade por agressão em mulheres, onde foi encontrado uma taxa em torno de 5 óbitos/100 mil mulheres (BRASIL, 2016;).

O homicídio se manifestou com maior frequência entre mulheres adultas, e diante dessa informação vários estudos relatam a vulnerabilidade das mulheres, em especial quando em idade produtiva, em relação aos diversos tipos de violências (física, psicológica, sexual, maus tratos, entre outras) (BRASIL, 2016; BARULFALDI et al., 2017; VIEIRA et al., 2014). Tal fato pode estar relacionado às desigualdades econômicas e de gênero impostas pelo modelo econômico neoliberal, o qual coloca grande parte das mulheres no mercado de trabalho informal, em rotas de migração, sendo expostas à exploração sexual e física e a trabalhos ilegais (MENEGHEL; PORTELLA, 2017).

De acordo com Guedes e colaboradores (2009), o não reconhecimento da capacidade das mulheres em gerir suas vidas e daqueles que a rodeiam de forma integral bem como as características de uma sociedade patriarcal, tendo a figura do homem como o centro, são fatores importantes em relação ao surgimento de violências contra as mulheres. Tais situações podem revelar uma sociedade dominada pela

violência de gênero, na qual existe um controle social sobre os corpos, a sexualidade e as mentes femininas (BRASIL, 2015).

Mulheres que conseguem independência financeira e sexual geram tensão nos padrões desse tipo de sociedade, onde as diferenças de gênero são fortes e rodeadas de preconceitos. Tais situações podem alavancar maiores riscos de violências contra as mulheres e, por conseguinte, uma maior mortalidade feminina (MENEGHEL; PORTELLA, 2017).

Em relação à raça/cor, evidenciou-se que a maioria das mulheres mortas por agressão foram as que se declararam negras (ROMIO, 2016; BARUFALDI et al., 2017; BRASIL, 2016). Entre as mulheres, as negras são consideradas o grupo mais vulnerável a sofrer mortes por causas violentas e tais mortes mostram uma maior relação com conflitos intrafamiliares, tendo o companheiro como o principal agressor (BRASIL, 2015; MENEGHEL; PORTELLA, 2017). Apesar dos resultados apontarem que as mulheres negras são mais vulneráveis à agressão, estudos afirmam que a cor ou raça em si, não constituem um fator de risco para a violência, mas sim a inserção social desigual, com todas as consequências que advêm dessa desigualdade a que um grupo racial está inserido (MATOS; MARTINS, 2012).

A desigualdade de gêneros, privação econômica, agressividade masculina e precárias condições de vida, além da desigualdade social e do analfabetismo, são fatores fortemente associados ao crescimento da mortalidade feminina (MENEGHEL; HIRAKATA, 2011; AMARAL; AMARAL; AMARAL, 2013). Tal situação também pôde ser constatada no presente estudo, onde o maior número de mortes por agressões foi encontrado em mulheres com baixa escolaridade.

Mulheres solteiras corresponderam a quase metade dos óbitos. Segundo Meneghel e Hirakata (2011), conhecer o estado civil das vítimas é uma importante medida protetiva contra as agressões, haja vista que o período mais propício de acontecer uma violência por parceiro íntimo é quando a mulher está querendo acabar com a relação, ou seja, tentando se separar do parceiro. No entanto, para esta análise, a fonte de dados não foi capaz de informar se quem foi classificada como solteira incluía as mulheres em união estável.

Em relação ao local mais comum para a realização do ato predominou o domicílio, e sobre isto, estudiosos afirmam que apesar das relações interpessoais entre os gêneros terem mudado ao longo dos anos, situações de dominação e submissão entre homens e mulheres permanecem e impulsionam diversos tipos de violências no ambiente do domiciliar (AMARAL; AMARAL; AMARAL, 2013; MENEGHEL; HIRAKATA, 2011). A figura do homem parece estar associada, na maioria das relações no domicílio, à virilidade, ao poder e à agressividade, as quais são características fortemente relacionadas à ocorrência de violência contra as mulheres por parceiros íntimos ou conhecidos, evidenciando a maior vulnerabilidade à violência contra as mulheres dentro do ambiente domiciliar ou doméstico (AMARAL; AMARAL; AMARAL, 2013).

Diante disso, é imprescindível a formulação e implementação de políticas públicas com estratégias eficazes para o enfrentamento desse grave problema que venham a ultrapassar as dificuldades de percepção dessa violência doméstica, pois, em muitos casos, esta é velada, devido ao tradicional conceito da relação de vida em família, como sendo a base de uma sociedade ideal, mascarando os números de violências e mortes (MENEZES et al., 2014; SCHRAIBER et al., 2002).

Os achados demonstram que houve um crescimento da mortalidade feminina por agressão no Piauí e que a maioria das agressões foram cometidas por objeto cortante/contundente, resultado semelhante ao encontrado em pesquisa realizada em Rio Branco, onde mostrou que 75% das mortes de mulheres foi através desse meio (AMARAL; AMARAL; AMARAL, 2013). Os resultados diferem de outras pesquisas, onde as armas de fogo, foi o meio mais utilizado para cometer a agressão (BARUFALDI, et al., 2017; SOUZA 2017; BRASIL, 2016). A diferença nos meios utilizados para cometer a agressão pode estar associada à região onde as vítimas e agressores vivem, assim como a facilidade ou dificuldade no acesso ao meio para cometer tal violência.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento da violência e da mortalidade femininas é crescente e acarreta várias consequências pessoais, familiares, sociais e também para os serviços de saúde. Agressões sobrepostas e acumuladas podem ocasionar distúrbios mentais, problemas de incapacidade física e prejuízos nas relações afetivo-emocionais, perda de autonomia e baixa autoestima. Tais situações diminuem a qualidade de vida das vítimas, as quais necessitam de mais cuidados assistenciais e médico-hospitalares, o que aumenta o ônus para o setor público.

O perfil da mortalidade por agressão contra mulheres no Piauí assemelha-se com o panorama nacional: a maioria dos óbitos em adultas jovens, negras, com baixa escolaridade, acontecendo em sua maioria no domicílio e com o uso de objetos cortantes/contundentes e armas de fogo. Esta pesquisa apresenta dados atuais e relevantes sobre a mortalidade feminina servindo de subsídio para que as autoridades competentes venham a observar e discutir sobre o assunto e assim buscar estratégias para o enfrentamento e diminuição desse problema no estado do Piauí.

Considerado grande desafio para as autoridades de saúde e demais setores públicos, a prevenção da violência contra a mulher requer o desenvolvimento de estratégias conjuntas que envolvam os diversos setores da sociedade (público e privado), incluindo leis, fiscalização, segurança, ações educativas, além de melhores condições socioeconômicas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, N.A.; AMARAL, C.A.; AMARAL, T.L.M. Female mortality and years of life lost due to homicide/aggression in a Brazilian capital after the Maria da Penha Law was enacted. **Texto & Contexto enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n.4, p. 980-988, 2013.
- BARULFALDI, L.A. et al. Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.22, n. 9, p.2929-2938, 2017.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **Diagnóstico dos Homicídios no Brasil**. Brasília, 2015.
- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Mortalidade de mulheres por agressões no Brasil: perfil e estimativas corrigidas (2011-2013)**. Brasília, 2016.
- BRASIL. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. **Informações de Saúde. Sistemas e Aplicativos** [Internet]. Brasília: MS; 2016. Disponível em <http://datasus.saude.gov.br>. Acesso em 19 mar. 2019.
- CAMPBELL, J.C. et al. Intimate partner homicide: review and implications of research and policy. **Trauma, Violence & Abuse**, Washington, v.8, n.3, p.246-69, 2007.
- CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da violência - 2018**. Rio de Janeiro: IPEA; São Paulo: FBSP, 2018. 91 p.
- COSTA, M.S.; SERAFIM, M.L.F.; NASCIMENTO, A.R.S. Violência contra a mulher: descrição das denúncias em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher de Cajazeiras, Paraíba, 2010 a 2012. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 551- 8, 2015.
- GARCIA, L.P. A magnitude invisível da violência contra a mulher. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 25, n.3, p.451-454, 2016.
- GUEDES, R.N.; SILVA, A.T.M.C.; FONSECA, R.M.G.S. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.13, n.3, p. 625-31, 2009.
- GUIMARÃES, M.C.; PEDROZA, R.L.S. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 256-66, 2015.
- MATOS, K.F.; MARTINS, C.B.G. Perfil epidemiológico da mortalidade por causas externas em crianças, adolescentes e jovens na capital do Estado de Mato Grosso, Brasil, 2009. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 21, n.1, p.43-53, 2012.
- MENEGHEL, S.N.; HIRAKATA, V.N. Femicídios: homicídios femininos no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n.3, p. 564-74, 2011.
- MENEGHEL, S.N.; PORTELLA, A.P. Femicídios: conceitos, tipos e cenários. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n.9, p.3077-3086, 2017.
- MENEZES, P.R.M. et al. Enfrentamento da violência contra a mulher: articulação intersetorial e atenção integral. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.23, n.3, p.778-786, 2014.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). International Day for the Elimination of Violence against Women 25 November. Why we must eliminate violence against women. ONU, 2019. Disponível em <http://www.un.org/en/events/endviolenceday/index.shtml>. Acesso em 19 mar. 2019.
- ROMIO, J.A.F. Mortalidade feminina e violência contra a mulher: abordagem segundo raça/cor. In:

Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 17.,2010,Caxambu-MG. **XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu-MG: ABEP, 2010.

SCHRAIBER, L.B. et al. Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.36,n.4,p. 470-7, 2002.

SOUZA, E.R. et al. Homicídios de mulheres nas distintas regiões brasileiras nos últimos 35 anos: análise do efeito da idade-período e coorte de nascimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.22, n.9, p.2949-2962, 2017.

SOUSA, M.O.; SIRELLI, P.M. Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 132, p. 326-345, 2018.

VIEIRA, R.M. et al. Mortalidade segundo causas externas entre mulheres em idade fértil, no município de Sobral, Ceará. **SANARE**, Sobral, v.13, n.2, p.70-77, 2014.

SOBRE O ORGANIZADOR

BENEDITO RODRIGUES DA SILVA NETO Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2005), com especialização na modalidade médica em Análises Clínicas e Microbiologia. Em 2006 se especializou em Educação no Instituto Araguaia de Pós graduação Pesquisa e Extensão. Obteve seu Mestrado em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto de Ciências Biológicas (2009) e o Doutorado em Medicina Tropical e Saúde Pública pelo Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (2013) da Universidade Federal de Goiás. Pós-Doutorado em Genética Molecular com concentração em Proteômica e Bioinformática. Também possui seu segundo Pós doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Aplicadas a Produtos para a Saúde da Universidade Estadual de Goiás (2015), trabalhando com Análise Global da Genômica Funcional e aperfeiçoamento no Institute of Transfusion Medicine at the Hospital Universitätsklinikum Essen, Germany. Palestrante internacional nas áreas de inovações em saúde com experiência nas áreas de Microbiologia, Micologia Médica, Biotecnologia aplicada a Genômica, Engenharia Genética e Proteômica, Bioinformática Funcional, Biologia Molecular, Genética de microrganismos. É Sócio fundador da “Sociedade Brasileira de Ciências aplicadas à Saúde” (SBCSaúde) onde exerce o cargo de Diretor Executivo, e idealizador do projeto “Congresso Nacional Multidisciplinar da Saúde” (CoNMSaúde) realizado anualmente no centro-oeste do país. Atua como Pesquisador consultor da Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG. Coordenador do curso de Especialização em Medicina Genômica e do curso de Biotecnologia e Inovações em Saúde no Instituto Nacional de Cursos. Como pesquisador, ligado ao Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública da Universidade Federal de Goiás (IPTSP-UFG), o autor tem se dedicado à medicina tropical desenvolvendo estudos na área da micologia médica com publicações relevantes em periódicos nacionais e internacionais.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-396-5

